

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC
CURSO DE ARTES VISUAIS-LICENCIATURA**

CINTIA LOPES RIBEIRO

**O ENSINO DA PERFORMANCE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA EXPERIÊNCIA
QUE DÁ CERTO**

**CRICIÚMA - SC
2014**

CINTIA LOPES RIBEIRO

**O ENSINO DA PERFORMANCE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA EXPERIÊNCIA
QUE DÁ CERTO**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de licenciatura no curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.com linha de pesquisa em Educação e Arte.

Orientador(a): Prof.^a Katiúscia Angélica Micaela de Oliveira

CRICIÚMA – SC

2014

CINTIA LOPES RIBEIRO

**O ENSINO DA PERFORMANCE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA EXPERIÊNCIA
QUE DA CERTO**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de licenciada, no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Educação e Arte.

Criciúma, 25 de novembro de 2014.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Esp. Katiuscia Angélica Micaela de Oliveira (UNESC) - Orientadora

Prof. Marcelo Feldhaus - Mestre em Educação - (UNESC)

Prof^a MSc. Roberta Hammel Tassinari – (UDESC)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha filha Dominick, que amo com toda minha alma, ao meu esposo Alexandro que esteve sempre ao meu lado me dando apoio, a minha querida orientadora Katisúcia que me ajudou com paciência e dedicação na elaboração desse trabalho e a minha maravilhosa e vencedora mãe Geralda que amo muito.

AGRADECIMENTOS

Tenho a agradecer em primeiro lugar a Deus que sempre segurou minha mão quando eu queria desistir, que escutou muitas de minhas orações e que trouxe para perto de mim pessoas que me ajudaram a vencer esta etapa da minha vida e uma delas foi meu esposo Alexsandro que muitas vezes me disse que eu conseguiria chegar até o fim e que eu seria capaz.

Também agradeço a uma pessoa especial que acreditou no meu potencial, que me ajudou a construir esse trabalho com seus conselhos e ensinamentos, minha orientadora Katiúscia.

Agradeço ao coordenador do curso professor Marcelo Feldhaus, que sempre muito paciente esclareceu dúvidas e sempre se ofereceu para ajudar quando necessário.

“Feliz aquele que transfere o que sabe, e aprende o que ensina.”

Cora Coralina

RESUMO

A presente pesquisa insere-se na linha Educação e Arte do curso de Artes Visuais licenciatura e aborda a linguagem da performance na escola. Tem como objetivo ampliar conhecimentos sobre performance artística, analisando as possibilidades do trabalho com performance com alunos da pré-escola, identificando se a mesma contribui para construção de conhecimento sobre arte, afim de apontar a importância da arte contemporânea na educação infantil, compreendendo o que de fato podemos realizar enquanto professor de artes na educação infantil. A pesquisa é fundamentada com autores como Jorge Coli trazendo o conceito de arte, Canton falando sobre arte contemporânea, Cohen e outros para falar sobre a performance na arte, Favaretto contando um pouco sobre Hélio Oiticica e Hidalgo com a trajetória da vida e obras de Bispo do Rosário. Trago como protagonistas de uma experiência de performance na pré-escola uma turma do CEI Zelma Savi Napoli são crianças de seis anos. Para elaborar esta experiência pesquisei as obras de Hélio Oiticica, Parangolé e as obras de Bispo do Rosário, proporcionando aos alunos nova vivência na aula de arte, estimulando a compreensão da arte e promulgando um entendimento social propondo aos alunos construir sua própria história.

Palavras-chave: Performance; Educação;Arte.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - The conditioning - Autoportrait.	20
Figura 2 - Estrela símbolo do consumismo.	20
Figura 3 - Hélio Oiticica.	22
Figura 4 - Relevos espaciais.	22
Figura 5 - Seja marginal seja herói.	23
Figura 6 - Penetrável da Gal.	24
Figura 7 - Bólides que são estruturas manuseáveis chamados de B1 Bolide caixa 1.	25
Figura 8 – Os Parangolés.	25
Figura 9 - Parangolé.	27
Figura 10 - Arthur Bispo do Rosário.	28
Figura 11 - Manto da apresentação.	29
Figura 12 - Apresentação da performance e do artista.	33
Figura 13 - Criação das capas.	34
Figura 14 - Escrevendo nomes nas capas.	35
Figura 15 - Fazendo a performance Parangolé.	36
Figura 16 - Crianças brincando.	36
Figura 17 - Capas.	37

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ACT - Admitidos em Caráter Temporário

UNESC - Universidade do Extremo Sul Catarinense

CEI – Centro de Educação Infantil

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 O QUE É ARTE.....	13
2.1 ARTE CONTEMPORÂNEA.....	14
2.2 PERFORMANCE, O CORPO NA ARTE	17
3 HÉLIO OITICICA VIDA E OBRA	22
4 BISPO DO ROSÁRIO - SOBRE CAPAS E ESTANDARTES.....	28
5 O ENSINO DA ARTE, CONSTRUINDO UM OLHAR- ANÁLISE DE DADOS	31
5.1 PROJETO DE CURSO: UMA REFLEXÃO SOBRE AS POSSIBILIDADES DE UMA ATIVIDADE COM PERFORMANCE NA EDUCAÇÃO INFANTIL	38
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS.....	43
APÊNDICE (S).....	45

1 INTRODUÇÃO

Ao entrar para o curso de Artes Visuais licenciatura na UNESC, adquiri muitas dúvidas sobre o que realmente era possível aprender com arte. Ainda permanecia no meu pensamento a ideia de que arte nada mais era que desenhar, foi então que percebi o desafio de ensinar artes não era uma tarefa simples, era preciso compreendê-la, desenvolver um olhar crítico e amplo sobre a mesma. As Artes Visuais trás um oceano de conhecimentos, pois o universo da arte além de surpreendente é espantoso. Então resolvi mergulhar nesse mar de conhecimentos, ir cada vez mais fundo, intensificando ainda mais o desejo de ser professora, fazer a diferença para os alunos levando a eles um pouco desses diferentes conhecimentos sobre a arte tentando, despertar mais profundamente, o interesse pelo diferente e pelo novo, entrelaçando a arte do ontem do hoje e do amanhã.

Cursando Artes Visuais ampliei minha própria visão sobre a arte, percebendo onde ela se encaixa em minha vida. Percebi que a arte de hoje, vem despertando cada vez mais meu interesse, por isso pretendo continuar percorrendo a estrada do conhecimento sobre arte e espero que ela seja longa e prazerosa.

Foi no segundo semestre de 2013 que me deparei com uma linguagem da arte que me fez refletir ainda mais sobre como lecionar arte contemporânea com a educação infantil sendo ela uma arte diferente cheia de inovações, onde não se utiliza somente tinta para colocar uma expressão, mas tem infinitas possibilidades de produzir uma obra, e a performance é uma delas, uma linguagem artística que trás polêmica no mundo, uma arte híbrida que utiliza o corpo como suporte para transmitir ações onde o próprio público tem a liberdade de interferir ou não na expressão do artista, que na maioria das vezes se coloca em situação de erotismo ou até em teste de seus limites.

Sou professora da rede municipal de ensino e trabalho com a educação infantil, o grupo 6 com crianças de seis anos da escola Prof^a Zelma Napoli localizada no bairro Colonial, e sei da importância da arte no desenvolvimento da criança e o quanto ela pode contribuir para um desenvolvimento de um olhar apreciativo sobre a mesma, surge a seguinte indagação: Quais são as possibilidades de um trabalho com performance artística na educação infantil?

E na intenção de ampliar essa pesquisa trago as seguintes questões norteadoras: Que conhecimentos a performance trará a essas crianças? Como seria

a reação de outros professores, e outros alunos ao assistir essas crianças em performance?

A finalidade da pesquisa é ampliar conhecimentos sobre performance artística, analisando as possibilidades de uma experiência com essa linguagem da arte na educação infantil, identificando se a mesma contribui para construção de conhecimento sobre arte, descobrir como crianças da pré-escola reagem quanto a uma atividade em que elas produziram uma performance. Os protagonistas dessa investigação são os alunos do grupo 6 da escola CEIM Prof^a Zelma Savi Napoli, propondo, uma experiência com as crianças com propósito de colaborar para um melhor esclarecimento de dúvidas sobre as possibilidades de levar a performance para a educação infantil. A fim de apontar a importância de um trabalho com a arte contemporânea na pré-escola compreendendo o que de fato podemos realizar enquanto professor de artes na Educação Infantil.

Para também compreender os referenciais teóricos que abordam a performance artística como conteúdo de artes, apontar a importância do trabalho com performance para a construção dos conhecimentos em diferentes linguagens artísticas para crianças da pré escola e contextualizar o que se compreende por performance na arte contemporânea, propor uma formação continuada para os professores de arte da rede municipal e estadual com intuito de discutir sobre as possibilidades de um trabalho com performance na educação infantil, apresentando uma proposta de atividade, proporcionando momento de reflexão sobre os conteúdos de arte levados para os alunos da pré escola.

Considera-se esta pesquisa como de campo, que propõe uma abordagem qualitativa, “o trabalho de campo se apresenta como uma possibilidade de conseguirmos não só uma aproximação com aquilo que desejamos conhecer e estudar, mas também de criar um conhecimento, partindo da realidade presente no campo.” (MINAYO, 1994, p. 51). Segue como estudo de caso, pois se realiza uma experiência apenas com uma turma da escola onde leciono como professora ACT de arte atualmente. Utiliza - se da seguinte argumentação de André (2005, p. 21) “o estudo de caso educacional é quando muitos pesquisadores, usando estudo de caso, estão preocupados não com a teoria social nem julgamento avaliativo, mas com a compreensão da ação educativa.” Propondo então uma experimentação do próprio educador em esclarecer se é possível trabalhar performance na educação

infantil, e vivenciar a criança apresentar a performance Parangolé de Hélio Oiticica e inspiração plástica no Bispo do Rosário.

Para ampliar meus conhecimentos, Iniciei minha pesquisa trazendo capítulos que abordam a arte e suas mudanças ao longo dos anos com reflexões sobre arte contemporânea dialogando com autores considerados importantes para aprofundar-me no tema.

Apresento também autores que falam sobre a performance, onde sigo refletindo e dialogando com os mesmos, contextualizando vida e obra dos artistas como Hélio Oiticica e bispo Arthur do Rosário. continuo minha pesquisa com análise de dados onde deixo detalhes da minha pesquisa de campo, da experiência realizada no CEI Zelma Savi Napoli com crianças de seis anos da pré escola

Finalizando trago um projeto de curso onde proponho reflexões em torno do ensino da arte na Educação infantil.

E como ultimo capitulo aponto reflexões sobre as vivencias durante a pesquisa, o que deu certo e o que não deu durante o procedimento da pesquisa.

Pretendo com essa pesquisa não apenas ampliar meus conhecimentos, mas também contribuir para reflexões, sobre o ensino da arte na Educação Infantil e não finalizar definitivamente essa pesquisa, pois, ela abre portas para novos conhecimentos e desafios.

2 O QUE É ARTE

Acontece frequentemente encontrarmos alguém que esteja com dúvidas sobre arte, com o questionamento: mas o que é arte afinal? Alguns teóricos respondem apenas que arte é expressão, mas Coli (2006, p. 08) tem mais a dizer, “é possível dizer que arte são certas manifestações da atividade humana diante das quais nosso sentimento é admirativo; isto é nossa cultura possui uma noção que domina solidamente algumas de suas atividades e as privilegia.” Como visto a arte é uma das formas de manifestar os sentimentos, é através dela que o ser humano viaja para um mundo de imaginações que o permite criar. Além disso, a arte transforma, e liberta o ser humano é através dela que ele se expressa, que coloca seus desejos mais profundos, onde explora seus conhecimentos, e que se manifestam através de várias linguagens artísticas, seja música, teatro, danças, entre outras.

A arte ensina justamente a desaprender os princípios das objetividades que são atribuídas aos objetos, as coisas. Ela parece esmiuçar o funcionamento dos processos da vida, desafiando-os, criando para novas possibilidades. A arte pede um olhar curioso, livre de ‘pré – conceitos’, mas repleto de atenção (CANTON, 1998, p. 12).

A arte pode fazer as pessoas viajarem pelo lúdico, principalmente a criança que já na educação infantil tem contato com a mesma, e é nesse período de aprendizagem que a arte á proporciona expressar-se livremente. A arte contribui para que o ser humano, manifeste seu sentimento e se expresse de maneira criativa, despertando uma sensibilidade maior no mesmo, mas para que isso aconteça é necessário um olhar desprendido de preconceitos, é preciso exercitar o olhar para aprendermos admirar, ou até mesmo criticar uma obra artística e para que isso aconteça é preciso ter contato com a arte seja no museu, nas galerias ou até mesmo nas ruas, pois a arte que temos hoje nos propicia apreciação em lugares incomuns.

Desta forma é relevante o fato de que a criança precisa conhecer a arte e suas linguagens já na educação infantil, uma vez que é nesta fase que ela está em pleno desenvolvimento, “o ensino da arte na educação infantil proporciona as crianças que leiam e interpretem do seu jeito o mundo que as rodeia, e assim se transformem e o transformem.” (BARBIERI, 2012, p. 19).

2.1 ARTE CONTEMPORÂNEA

O ser humano está em constante transformação, pois é necessário que seja assim pelo simples fato do mundo estar mudando cada vez mais, então trago neste capítulo um pouco dessa mudança dentro da arte e da transformação que ela vem causando no homem como artista e que nunca satisfaz o observador que busca cada vez mais explorar a inovação.

A arte desde muito tempo vem ocupando um lugar visível na sociedade, o ser humano vem mudando sua maneira de vê-la, pois na antiguidade ela não existia ou era vista de outra forma como caracteriza a teórica Lamas (2007, p. 30), “as artes da realidade física eram aritmética, a geometria, a astronomia e a música como teoria matemática, a pintura e escultura eram consideradas atividades vulgares.”

Com o passar do tempo à arte ganhou um espaço maior expandindo-se a partir do século XIX surgindo a arte moderna que trouxe as pessoas do campo para cidade, onde melhoraram suas situações econômicas que os levou a transformar sua arte para enriquecer sua cultura, Segundo Canton (2009, p. 17), “a arte acadêmica, as belas artes com regras impostas pela academia e talhadas aos moldes da antiga aristocracia, passa a dar lugar às propostas construídas por artistas que surgem em movimentos e contextos singulares.” A partir daí a arte tomou novos rumos que resultou em outras mudanças que estremeceu o século XIX, revolucionando o estilo de muitos artistas que começam ter liberdade para atuar sem compromisso com o religioso e/ou político, muitas vezes indo contra esses seguimentos.

Com tantas mudanças os artistas começaram a sentir a necessidade de ser mais inovadores, pois o observador começava a obter um olhar cada vez mais crítico e interessado por suas obras. “Era preciso que a arte se tornasse tão inovadora e radical quanto à vida.” (CANTON, 2009, p. 19).

Os artistas nunca tiveram tanta liberdade pra criar suas obras, e surgiam cada vez mais diferentes materiais, as linguagens artísticas se misturavam em um processo híbrido. A liberdade criadora era motivada e algumas vezes criticada pelos próprios colegas artistas.

A fotografia foi uma das descobertas, inovação que surgiu nesta época, com suas características modernas assombrou a vida de alguns pintores que viviam da venda de quadros com retratos, coma a arte utilitária.

Lamas (2007, p. 31) destaca que “além de causar um impacto na função da pintura, os fotógrafos procuravam imitá-las e superá-la, requerendo para si o *status* de artistas.” Os artistas agora teriam que buscar uma nova forma de pintar de inovar sair da uniformização de pintar retratos e paisagens.

A fotografia libertou os artistas, até então incumbidos de registrar nas telas pessoas, paisagens e fatos históricos para a posterioridade. Agora a fotografia podia cumprir essa função, dando ao artista a liberdade de criar e realizar novas pesquisas e experimentos com seus pincéis, suas mãos e seus olhares (CANTON, 2009, p. 19).

Pintar agora era uma forma de se expressar livremente, de explorar a imaginação, Com o passar do tempo à arte moderna sofreu um desgaste e a necessidade pelo novo começou a aflorar o público novamente, o novo foi tão buscado tão exigido e necessário que o modernismo tornou-se estranho aos olhos da sociedade, dando origem a uma arte que vai muito além da simplicidade, interdisciplinar que transcende o realismo.

A arte contemporânea que surge na continuidade da era moderna se materializa a partir de uma negociação constante entre arte e vida, vida e arte, nesse campo de força os artistas buscam um sentido, mas o que finca seus valores e potencializa a arte contemporânea são as inter-relações entre as diferentes áreas do conhecimento humano (CANTON, 2009, p. 49).

A contemporaneidade foi o momento onde os artistas começaram ter e reivindicar liberdade para fazer suas obras. A arte contemporânea não fica na rotina, ela está em constante transformação, não importa a forma que ela é produzida, mas sim como ela é vista e serve justamente para mexer com os sentimentos do ser humano para desestruturar, ela se envolve com outras áreas de conhecimentos, afim de desmonopolizar a arte dando liberdade a outras linguagens artísticas. Canton (2009, p. 12) afirma “arte contemporânea é uma arte que a arte provoca, instiga e estimula nossos sentidos.”

Deste modo é preciso que a arte seja diferente para despertar no espectador sentimentos que possibilitará a ter um olhar mais sensível sobre ela, e a contemporaneidade vem justamente fazer a diferença, pois os artistas contemporâneos fazem relação com o cotidiano, utilizando assuntos polêmicos em suas obras, como narcisismo, política, fome, educação e muito mais.

A arte contemporânea surgiu com a intenção de libertar a arte do monopólio elitista, mudando a ideia de que a mesma seria apenas pintura e escultura, desmembrando o conceito de que apenas o artista pode produzir - lá excluindo totalmente o observador a participação da mesma, a contemporaneidade muda isso agora o observador também participa da obra e muitas vezes ele é papel principal.

Hibridizando modalidades e categorias artísticas e fazendo uso de novos materiais e tecnologias eletrônicas em desenvolvimento (que permitem novas manipulações de dados, imagens e sons), os artistas atuais reavivam preocupações e impressões particulares (auto referências ou não) ou coletivas sobre o mundo em que vivem. Cada qual com sua cultura e com sua forma de expressão contemporânea tornam-se universais suas manifestações até então regionais (LAMAS, 2007, p. 33).

Sendo assim, seja com o movimento da arte *Pop Art*, Arte Conceitual, Instalações, Vídeo Arte ou em outras vertentes híbridas da arte contemporânea o artista procura colocar em suas obras suas vivências ou o que acontece no cotidiano intensificando sua maneira de se expressar, Coli (2006, p. 111) “[...] o objeto artístico trás em si, habitualmente organizados, os meios de despertar em nós, emoções e razão.”

Neste sentido a arte deixa de se preocupar com o estético para focar na realidade da vida cotidiana, e para isso os artistas exploram infinitudes de materiais e formas para produzir suas obras, ressalta Archer (2001, prefácio) “a arte tem utilizado não apenas tinta, metal e pedra, mas também ar, luz, som, palavras, pessoas, comida, e muitas outras coisas.” E é com a utilização de todos esses materiais diversificados que o artista vem despertando no espectador um olhar mais sensível sobre a própria arte.

Os artistas contemporâneos vivem em constante busca pelo diferente, pelo novo, por isso não se incomodam, nem se importam em ultrapassar totalmente seus limites para fazer arte, como coloca Lamas (2007, p. 34) “o artista contemporâneo habita todas as formas de arte.”

Diz - se que em algumas vezes apreciar arte contemporânea não é uma tarefa fácil, é preciso então ter um olhar desconstruído de pré-conceitos sobre ela, e exercitar esse olhar cotidianamente, e é neste ponto que quero chegar com meus alunos da educação infantil, exercitar o olhar dessas crianças com o intuito de trazer para a vida deles uma arte diferente que construa um olhar crítico, mas também

sensível sobre a performance, para que no seu futuro ela possa contribuir de alguma forma sua maneira de enxergar o mundo.

A arte contemporânea esta em evidencia no momento, e assim como os artistas as crianças não tem receio de conhecer o novo o diferente, de vivenciar novas experiências, mesmo que elas sejam estranhas, ela recebe com facilidade o diferente e seu interesse e imaginação aflora diante de tantas possibilidades em criar.

A arte contemporânea tem muito a nos ensinar como lidar com a contemporaneidade, para perceber caminhos de dialogo e, ao mesmo tempo, caminhos para o devaneio, que nos levem a outras possibilidades de ações, outros modos de olhar para as questões contemporâneas e poder selecioná-las de maneiras inusitadas (BARBIERI, 2012, p. 25).

Deste modo é preciso ensinar também arte contemporaneamente aos alunos da Educação Infantil, oportunizando novas experiências, possibilitando outras formas de aprendizagem construindo um olhar amplo sobre a mesma.

2.2 PERFORMANCE, O CORPO NA ARTE

Falar da performance sem mencionar o corpo é extremamente impossível, pois o corpo esta em constante performance, ela faz parte do nosso cotidiano e o ser humano vive a performance o tempo todo e muitas vezes desapercibido, quando sai de casa para trabalhar, para estudar, ou até mesmo para ir em uma festa, tudo isto faz parte de sua performatividade.

A performance, na etimologia da origem inglesa de sua palavra significa desempenho, mas no meio artístico performance é uma ação de um artista em meio ao público, onde ele usa seu próprio corpo como objeto artístico, Cohen (2002, p. 76), “em performance a figura do artista é o instrumento da arte. É a própria arte.”

Nas artes visuais sempre que ouvimos a palavra ‘performance’, é comum nos remetermos de imediato a utilização do corpo como parte constitutiva da obra, e nossas principais referencias tem sido frequentemente os anos 1960 e 1970. Muitas vezes também, somos levados a pensar em um único formato, baseado no artista em uma ação ao vivo, visto por um publico, num tempo e espaços específicos (MELIN, 2008, p. 07).

Desta maneira a performance é uma ação apresentada ou ate mesmo representada ao público onde o artista busca interagir com a obra e o espectador,

como afirma Coelho (2009, p. 26) “a noção básica é de que qualquer ação que seja estruturada, apresentada, marcada ou exposta é performance.”

a performance pode ser apresentada em qualquer local, mas mesmo ela sendo fotografada ou gravada, na maioria das vezes ela é uma arte que não oferece muito lucro, talvez por isso ela é considerada tão especial e poética, mesmo porque a performance é vivida somente por um momento é uma experiência única que não pode ser repetida da mesma forma.

O artista em performance transcende, torna-se uma coisa só, ele transforma-se na obra, é um momento de liberdade plena, uma liberdade que o invade e que é diferente de outras manifestações artísticas pois é uma liberdade diferente, ressalta Cohen (2002, p. 45) que “o trabalho de performance é basicamente um trabalho humanista, visando libertar o homem de suas amarras condicionantes e a arte, de lugares comuns, impostos pelo sistema.”

Performance é uma linguagem da arte que não se prende a lugares institucionalizados, como museus e galerias, ela pode ser apresentada em qualquer lugar, onde o artista achar pertinente a ação ou até mesmo onde sua inspiração surgir. Importante salientar que o artista da performance não faz sua arte afim de agradar a sociedade, menos ainda para despertar o gosto do espectador pela obra, na maioria das vezes é justamente ao contrário, despertar repulsa, espanto e até mesmo choque.

A performance trabalha o cotidiano, o que existe no mundo, como coloca Cohen (2002, p. 45) “as questões existências básicas, utilizando, para isso recursos que vão desde teatro da crueldade até elaborados truques e signos.” Entretanto os artistas da performance, ultrapassam seus limites com intervenções cirúrgicas, que complementam ou expandem no corpo, causando incomodo aos olhos de quem os vê, Cohen (2002, p. 45) “a apresentação de uma performance muitas vezes causa choque na plateia” afim de provocar a sociedade que esta sempre em um busca incessante da perfeição estética.

O humano do humanismo era em última instancia a razão e a consciência. Nesse contexto, o corpo não oferecia grande interesse, enquanto substancia orgânica, aparência, desejo ou paixão. Pelo contrario, era algo, que pertencendo à natureza, a exterioridade, sofria; assim, duplo e paradoxal distanciamento, ou era a natureza utópica intocável, ou a natureza incontrolável caótica e catastrófica (VILLAÇA, 1998, p. 31).

O que acontece hoje é que a mídia mostra pessoas de corpos “perfeitos”, idealizando o olhar de quem assiste televisão, os seres humanos ainda se deixam levar pelas aparências, defendendo que se a pessoa não tem boa aparência ela não chega a lugar algum na vida seja no profissional, ou no modo afetivo, e são apegados nesse pensamento que muitos homens e mulheres principalmente as mulheres recorrem para mutilação do corpo, ou seja, cirurgias estéticas, pois não aceitam o corpo como ele está e se submetem a mudar muitas vezes por completo suas características físicas, Villaça (1998, p. 29) afirma que “os desenvolvimentos das ciências da vida oferecem a possibilidade ao sujeito moderno de modificar seu corpo tanto na aparência quanto nos elementos fundamentais de sua estrutura.”

Assim esta sendo construída a uniformização no mundo onde uma sociedade impõe ao sujeito que ele deve ter um corpo padrão a beleza, a performance/arte, diferente da performatividade coletiva, vem em contraponto para criticar essa sociedade que estabelece como o sujeito deve organizar-se no mundo, por isso os artistas da performance colocam-se em situações extremas, incorporando o indivíduo enquanto transforma seu corpo, causando verdadeiro estranhamento as pessoas que assistem.

Medeiros (2009, p. 37) quando fala “os avanços tecnológicos propiciam aos artistas novas maneiras de manipular e reconfigurar o próprio corpo”, argumenta que os artistas da performance, ultrapassam seus limites com intervenções cirúrgicas, que complementam ou expandem no corpo, causando incomodo aos olhos de quem os vê, afim de provocar a sociedade que esta sempre em um busca incessante de tornar o corpo perfeito, mas promovem uma conscientização as práticas comuns, tatuagens, *piercings* e escarificações, de desfigurar o corpo buscando uma identidade pós-moderna.

Ultrapassando limites os artistas performáticos colocam-se no limite da dor. Marina Abramovic é um exemplo de artista performers que em algumas de suas performances se coloca em situação de dor e incômodo.

Marina Abramovic é uma artista que pesquisa por meio de suas performances os limites físicos e mentais do corpo, colocando muitas vezes seu próprio corpo em risco. [...] As performances de Marina Abramovic ilustram esse corpo de estranhamento, quando a artista o expõe a situações de dor e agressividade. Em *the conditioning - Autoportrait(s)*, Marina repete uma performance de Gina Pane, de 1973, em que esta expõe o corpo ao contato com o calor de velas acesas durante oito horas (COELHO, 2009, p. 271).

Figura 1 - The conditioning - Autoportrait.



Fonte: Disponível em: <artblogbybob.blogspot.com>. Acesso em: 26/09/2014.

“A dor sempre foi à matéria - prima do artista. A diferença, no meu caso, é que uso o meu corpo para isso. A ideia é mostrar que, num minuto, você sente dor, e no outro, passou! Posso fazer isso com a minha vida, o público também pode.”
(Marina Abramovic, site: <<http://holodeck.blogspot.com.br>>).

Figura 2 - Estrela



Fonte: Disponível em: <[HTTP://holodeck.blogspot.com.br](http://holodeck.blogspot.com.br)>. Acesso em: 26/09/2014.

Nas diversas obras de performances, Abramovic desempenhou muitas ações em seu corpo, como cortou a estrela símbolo do consumismo na própria

barriga, gritou muitas vezes até perder a voz, escovou o cabelo até fazer sangrar o couro cabeludo, deitou numa cruz de gelo, desmaiou em outra estrela feita de fogo e ofereceu o corpo para intervenções do público que apontava uma arma para sua cabeça. Nenhuma performance é feita sem motivo, o artista sempre é motivado por algo ao realizar uma performance e cabe ao espectador desvendar a mensagem que por ele é transmitida naquele momento. Desta forma a performance e a intervenção andam lado a lado, os artistas fazem intervenções no seu corpo, incorporando a obra num todo.

Mas nem tudo é dor ou limite na performance, no Brasil o artista de destaque que foi um dos primeiros a trabalhar a performance foi Flávio de Carvalho que segundo Lamas (2007, p. 66) “Carvalho vestiu-se de maneira provocativa para sua época e caminhou no sentido contrario a uma precisão, incitando verbalmente os religiosos, o que resultou em uma relação violenta que quase terminou em linchamento .”

Deste modo, fazer uma performance que incomoda a sociedade a ponto de despertar a agressividade seja nos anos sessenta ou até nos dias de hoje é preciso coragem, pois é corpo do artista que está sendo a obra no momento da performance e preparado ou não o artista pode ser surpreso com qualquer interferência do público seja ela agressiva ou não. Outro brasileiro dos anos sessenta é o artista Hélio Oitica, com a performance que fez algumas experiências cotidianas, onde a considerada importante é o Parangolé.

3 HÉLIO OITICICA VIDA E OBRA

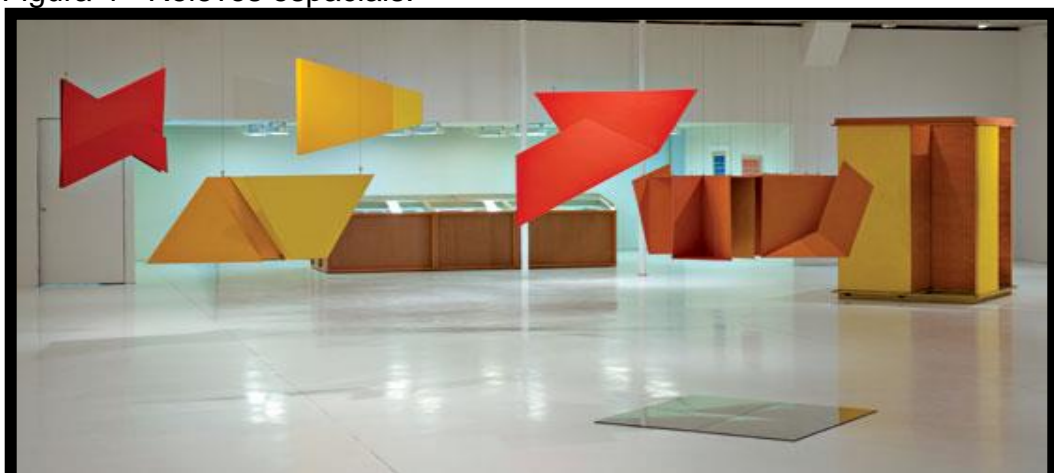
Figura 3 - Hélio Oiticica.



Fonte: Disponível em: <www.escritoriodaarte.com>. Acesso em: 29/09/14.

De acordo com Lisboa (2014), Hélio Oiticica nasceu no Rio de Janeiro em 1939, filho de um dos mais importantes fotógrafos brasileiros Jose Oiticica Filho e de Ângela Santos Oiticica, foi educado de início em casa tendo aulas de Matemática, línguas, História e Geografia dadas pelo pai. Em 1947, seu pai foi premiado com uma bolsa da fundação Guggenheim e a família partiu para os EUA onde Oiticica morou por alguns anos. Em 1950 Hélio volta ao Brasil e começa a escrever e a traduzir peças de teatro que encenava em casa com os irmãos sua tia Sonia Oiticica começou a incentivá-lo nessa empreitada.

Figura 4 - Relevos espaciais.



Fonte: Disponível em: <<http://www.revistab.com.br/index.php/2011/03/seja-marginal-seja-heroi/>>. Acesso em: 29/09/14.

Ainda segundo Lisboa (2014), em 1953 Hélio Oiticica entra em contato com obras de artistas como Paul Klee, Alexander Calder e outros na Bienal do Museu de Arte Moderna de São Paulo, logo em seguida começou a estudar pintura com Ivan Serpa, fazendo sua primeira exposição junto ao grupo 'Frente', no museu de Arte Moderna, começando a conviver com outros artistas dessa época pegou gosto pela pintura onde criou suas primeiras obras geométricas utilizando sob guache e cartão, foram 27 trabalhos com essa técnica, onde ele nomeou como 'secos' que fizeram parte da exposição nacional de arte concreta.

Oiticica satura os planos de cor em pesquisa claramente neoplástica, ou então dispõe formas geométricas coloridas sobre fundo branco, repondo Malévitch. Ora formas puras e cores primárias, ora com alternância de claros e escuros, Oiticica produz um a 'espaço de vai e vem de ambivalência visual' (FAVARETTO, 2000, p. 51).

Figura 5 - Seja marginal seja herói.



Fonte: Disponível em: <<http://www.revistab.com.br/index.php/2011/03/seja-marginal-seja-heroi/>>. Acesso em: 29/09/14.

Figura 6 - Penetrável da Gal.



Fonte: Disponível em: <<http://www.revistab.com.br/index.php/2011/03/seja-marginal-seja-heroi/>>. Acesso em: 29/09/14.

Segundo Lisboa (2014), em 1959 integrou-se no grupo neoconcreto do Rio de Janeiro e passou a realizar pinturas a óleo sobre tela e compensado. Percebe-se que o artista Oiticica começa sua carreira de artista cedo e toma gosto pela arte ainda pequeno, mas é no início dos anos 60 que o artista começou a definir qual seria seu papel nas artes plásticas brasileiras e a conceituar uma nova forma de trabalhar, fazendo uso de maneiras que rompiam com a ideia de contemplação estática da tela. Exemplo disso é o penetrável PN1 e a maquete do projeto Cães de Caça.

Figura 7 - Bólides que são estruturas manuseáveis chamados de B1 Bolide caixa 1.



Fonte: Disponível em: <<http://www.scielo.br/>>. Acesso em: 29/09/14.

Nota-se que as obras de Oiticica não são obras comuns aos olhos elas causam uma sensação de estranhamento, como cita Favaretto.

O estranhamento de Oiticica não se submete a oposição que quer afirmar a novidade, pelo recurso ao simplesmente diferente – frequentemente manifestado por composições herméticas, esotéricas, de vaga sugestão alegórica. O seu estranhamento é o do inusitado, que salta da conjunção de construtividade, desestatização e vivência. (FAVARETTO, 2000, p. 99).

Se percorrermos toda a carreira de Hélio Oiticica será possível descrever muitas de suas obras, uma mais expressiva que a outra, e todas com a essência do artista que coloca em suas obras toda sua alma, Favaretto (2000, p.16) afirma que “Oiticica encarna a lenda do artista inventor; aquele que cava no desconhecido, definindo suas próprias regras de criação e categorias de julgamento.”

Figura 8 – Os Parangolés.



Fonte: Disponível em: <<http://www.itaucultural.org.br>>. Acesso em: 29/09/14.

Dentre tantas obras magníficas existe uma em especial, que além de ser poética é nada menos que uma resignificação da obra em si, apaixonado pelo samba Oiticica cria o Parangolé, uma dança onde ele utiliza capas coloridas, “são abrigos que envolvem o corpo: salientam ações e gestos esplendentes de cor; carregar, andar, penetrar, percorrer, vestir, são os atos das extensões do corpo.” (FAVARETO, 2000, p. 105).

O Parangolé assim chamado pelo artista Oiticica sugere ser antiarte, a incorporação da obra no corpo do artista, e que também envolve o público. Uma arte que está ligada diretamente com a vida. Ela dá liberdade para que o espectador se envolva e interaja com a obra.

Oiticica se envolve de tal forma com o Parangolé que é uma arte viva que toma o corpo do artista tornando um só. Tudo é feito espontaneamente, ou seja, acontece naturalmente à música vai guiando o artista que dança livremente naquele momento. Cohen (2002, p. 38) destaca que “a performance esta ontologicamente ligada a um movimento maior, uma maneira de se encarar a arte: A liv art, é a arte ao vivo e também a arte viva.” Oiticica vive em plenitude, a performance que ele chama de incorporação o Parangolé. No livro de Favaretto que fala de performance, o teórico contempla o texto com a fala de Oiticica descrevendo a obra Parangolé:

O Parangolé não era assim uma coisa para ser posta no corpo, para ser exibida. A experiência da pessoa que veste, para a pessoa que esta fora, vendo a outra se vestir, ou das que vestem simultaneamente as coisas, são experiências simultâneas, são multe experiências. Não se trata, assim, do corpo como suporte da obra; pelo contrario, é a total ‘in (corpo) razão’, é a incorporação do corpo na obra e da obra no corpo. Eu chamo de 1 in-corporação (Oiticica) (FAVARETTO, 2000, p. 107).

Percebe-se que o artista é bem claro quando diz que não veste a capa para mostrá-la, ou exibi-la, é uma experiência realizada no momento, Oiticica vive esse momento sem a preocupação de mostrar a obra ao público ele simplesmente improvisa. Segundo Favaretto (2000, p. 114) “a dança é a fantasia desse movimento: integra ritmo, corpo e estrutura; enfatiza gestos, dilui arquiteturas, estende espaço, solta cor; o Parangolé é a descoberta do corpo e a dança.” Assim o artista dá à vida a arte, dá movimento e compartilha esse momento com o público.

Em movimento o Parangolé espalha suas cores, mostrando sua importância enquanto o artista dança, ele envolve seu público, para que o próprio

espectador possa vivenciar e fazer parte de sua criação, a cada interação a uma nova experimentação.

Figura 9 - Parangolé.



Fonte: Disponível em: <www.itaucultural.org.br>. Acesso em: 30/09/14.

As cores vibrantes, do parangolé estão inseridas no movimento visual, as capas fazem em conjunto com o artista a composição de uma obra, uma arte livre, e é esta liberdade que a torna ainda mais viva.

A minha posição ao propor 'Parangolé' é a da busca de uma nova fundação objetiva na arte. Não se confundir com uma 'nova figuração', isto é, pretexto para uma volta a uma representação figurada de todo superada, ou ao 'quadro', seu suporte expressivo. O 'Parangolé' é não só a superação definitiva do quadro, como a proposição de uma estrutura nova do objeto-arte, uma nova reestruturação da visão espacial da obra de arte, superando também a contradição das categorias 'pintura e escultura'. Na verdade ao propor uma arte ambiental não quero sair do 'quadro' para a 'escultura', mas fundar uma nova condição estrutural do objeto que já não admite essas categorias tradicionais. (HÉLIO OITICICA, disponível em: <<http://www.escrioriodearte.com/artista/helio-oitica/>>).

Deste modo é como vestir um quadro e usá-lo permanentemente e ser o próprio quadro, fazer parte da obra, incorporar e ser a obra, pois ao usar as capas tornam-se únicos e ao se movimentar suas cores são reveladas e é feita uma mistura de cores que dão vida a obra.

4 BISPO DO ROSÁRIO - SOBRE CAPAS E ESTANDARTES

Figura 10 - Arthur Bispo do Rosário.



Fonte: Disponível em: <www.2.uol.com.br>. Acesso em: 06/10/2014.

Bispo Arthur do Rosário foi um artista que criava suas obras utilizando sobras de materiais dispensáveis, em meio aos tratamentos de eletrochoques Bispo criou obras como capas, bordados, e estandartes.

O artista chegou a representar o Brasil em quase toda a Europa. Aos 29 anos Bispo do Rosário usando um estandarte bordado por ele e onde havia escrito '*eu preciso destas palavras*' andou pelas ruas do Rio de Janeiro passando por igrejas falando que estava sendo guiado por anjos e que era um enviado 'incumbido de julgar os vivos e os mortos', possível de relacionar a linguagem da performance, pois remetia a ação do seu corpo vestindo a capa.

A palavra para Bispo tinha um poder extraordinário, por isso seus bordados eram repletos de palavras, nomes de pessoas, trechos poéticos e mensagens. Transferido para um instituto para alienados onde recebeu o diagnóstico de esquizofrênico – paranoico, sendo considerado indigente e sem família. Colocado em um hospício, ala de pacientes considerados 'perigosos', pois sua forma embrutecida por sua profissão, na juventude, no Departamento de Tração de Bondes e sua cor negra colaborou para preconceito em relação sua índole (HIDALGO, 2014).

No isolamento do hospício que suas obras apareciam, sua produção criativa, e quando faltava material desfiava todo seu uniforme do manicômio aproveitando cada fio. Bispo transfere todo seu sentimento para suas produções, se

expressando através da arte, Buoro (2003, p. 25) considera a “arte como vida, e por meio dela o homem interpreta sua própria natureza, construindo formas ao mesmo tempo em que (se) descobre, inventa figura e conhece.” Desta maneira Bispo do Rosário coloca sua vida em suas obras, demonstrando isso enquanto faz suas criações.

Começou a cerzir o *‘manto da apresentação’*, espécie de mortalha sagrada que bordaria por toda a vida para vestir no dia do juízo final, onde havia também bordado os nomes de pessoas que ele considerava dignas da passagem para o céu. O pano de fundo era um cobertor vermelho do hospício que ele bordou vários objetos, tabuleiros, avião, números e muito mais. (HIDALGO, 2014).

Figura 11 - Manto da apresentação.



Fonte: Disponível em: <www.2.uol.com.br>. Acesso em: 06/10/2014.

Tempos depois em meio a uma recuperação voltou para a ‘civilização’ e arrumou até um emprego, mas novamente viu-se guiado por anjos e foi encaminhado novamente ao hospício onde voltou a criar com materiais diversos, e tudo que encontrava dava um novo sentido. Chegou a expor no museu de arte do Rio de Janeiro, onde a exposição foi nomeada como *‘À margem da vida’*, onde a princípio não quis participar, mas depois cedeu algumas obras. Bispo em meio ao caos de pensamentos e ‘distúrbios’ encontrou uma forma de expressar seus sentimentos através da arte mesmo desprovido de matérias, ele deu um sentido a

suas obras, provando que todo ser humano é capaz de fazer de manifestá-la seja onde for e usando o gênero que desejar.

5 O ENSINO DA ARTE, CONSTRUINDO UM OLHAR- ANÁLISE DE DADOS

A escola é o lugar onde a criança tem mais oportunidade em desenvolver seu pensamento, e a arte é a disciplina que ela tem maior liberdade para expressar sua imaginação, pois é nas aulas de arte que acontece os momentos de apreciação e construção da aprendizagem onde possibilita o indivíduo a desenvolver um olhar crítico e apreciativo sobre arte.

[...] a prática de certas ações que denominamos artísticas, pode contribuir para uma formação mais completa, pois, ao conhecer e compreender melhor as artes, os alunos tornam-se mais sensíveis, capazes de perceber de modo acurado modificações no mundo físico e natural, e também de experimentar sentimentos de ternura, simpatia e compaixão. (FERREIRA, 2001, p. 14).

Desta forma é nas aulas de arte que o aluno construirá um olhar mais sensível sobre o mundo, Ferreira (2001, p. 32) coloca que “no trabalho com artes as crianças aprendem um modo diferente de ver a vida.” Está claro então que o ensino da arte só tem a contribuir na vida do ser humano, pois é experimentando que ele desenvolve o pensamento, é através de atividades que despertam a imaginação e a criação que possibilitara a formação de um sujeito crítico e construtivo.

Mas a questão aqui é como levar a arte dos dias de hoje para a infância. No caso a performance, uma arte contemporânea, que causa tanto estranhamento, como a criança vê esta arte? Refiro-me a arte que deixam até mesmo os adultos confusos. Será que como professor de arte deva nos limitar apenas em fazer releituras dessas obras? Ou ousar e propiciar uma experiência estética a esses alunos que por terem seis anos ainda não tem um olhar mais amplo sobre a arte? Pois ao observar as crianças do grupo seis no CEI Zelma Savi Napoli percebi como é notável a procura pelo belo! Então é preciso desconstruir esse olhar, transformando-o com diferentes manifestações artísticas, pois não é somente com releituras de obras e desenhos livres que um professor de artes transformará esse olhar, é preciso proporcionar aos alunos novas experiências ressalta Barbieri (2012, p. 33) “quando vivemos uma nova experiência experimentamos a nos mesmos.”

Muitos professores de artes realizam a performance no ensino fundamental, então vem a pergunta do porque não levar a performance para

educação infantil, porque deixar que eles descubram essa arte híbrida somente quando ensino estiverem no ensino fundamental.

Portanto a seguinte pesquisa teve como objetivo descobrir como crianças da pré-escola reagem quanto a uma atividade em que elas produziram uma performance. Os protagonistas dessa investigação são os alunos do grupo 6 da escola CEIM Prof^a Zelma Savi Napoli, onde trabalho atualmente como professora de arte, uma experiência com as crianças com propósito de colaborar para um melhor esclarecimento de dúvidas sobre as possibilidades de levar a performance para a educação infantil.

A criança enquanto permanece na educação infantil, têm um olhar desprovido de preconceitos e aceita diferentes formas de fazer arte quando lhe é oferecido, com base nesta perspectiva é que escolhi esta turma que possuía 18 alunos que mostravam uma vontade gigantesca de aprender sobre arte, e buscavam sempre por algo diferente, apresentando um interesse em descobrir o que de novo a arte tinha a presentear-los.

Objetivando de proporcionar momentos de aprendizagem sobre a performance enquanto gênero artístico, evidenciando o imaginário o brincar e o construir na aula de artes, possibilitando assim a construção de novos conhecimentos, no primeiro momento pedi que as crianças fizessem uma roda para que ficássemos mais à vontade, então comecei a contar-lhes uma história onde o título era os Parangolés de Hélio Oiticica. Falei sobre vida e obra do artista e sobre o conceito de performance, utilizando a escrita anterior desta pesquisa e mostrando algumas imagens que tinha levado impressa sempre falando de forma lúdica para que eles pudessem absorver melhor os conhecimentos ali passados. No início quando eu falava do artista e como ele fazia sua arte alguns alunos riam e achavam engraçado, somente os meninos, já as meninas faziam ‘caras e bocas’ revelando a sensação de estranhamento em seus olhares, percebi que eles não estavam compreendendo o que era performance, então tentei explicar de forma mais simples para que eles compreendessem, falei para eles que performance é quando um artista faz uma ação demonstrando que não concorda com algo ou simplesmente para transmitir uma mensagem, observei que eles começaram a entender e então passei para próxima etapa do meu plano de aula.

Figura 12 - Apresentação da performance e do artista.



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Em continuação a experiência mostrei um vídeo¹ em que Hélio Oiticica faz a performance Parangolé. Após a apreciação do vídeo perguntei as crianças o que elas acharam do que assistiram, todos queriam falar ao mesmo tempo, típico de toda criança. Cada criança falou um pouco, todas as falas foram parecidas, alguns disseram que o vídeo era muito engraçado e outros que as pessoas do vídeo pareciam crianças brincando e dançando. Fiquei muito satisfeita com a interpretação delas, pois fizeram uma ligação do vídeo com o seu mundo, com o que elas fazem no seu dia a dia que é a brincadeira. Percebi aqui que minha pesquisa começa dar resultados e que as crianças aceitaram essa linguagem da arte com tranquilidade e confirmando, que a arte abre caminhos para a imaginação da criança.

A imaginação e a criatividade das crianças não têm limites, o que favorece o desenvolvimento de sua potência e a exploração e apropriação de suas múltiplas linguagens, ampliando suas formas de expressão. “O trabalho com arte na educação infantil é um dos passos para cultivar essa vitalidade natural.” (BARBIERI, 2012, p. 18).

Com propósito de iniciar a produção de capas falei para as crianças que existiu outro artista além de Oiticica que fazia capas e que também gostava de usá-las em ocasiões que ele achava especial, esse artista se chamava bispo Arthur do Rozario. Comentei que o artista construía suas capas com objetos que encontrava pelo chão de um hospital que ficou por um tempo, pois estava muito doente.

¹ Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=2zTJDCugNB4>>. (Parangole - Helio Oiticica).

Comunicação feita sobre o Bispo do Rozario fiz a proposta aos alunos de construir suas próprias capas. Empolgados em criar e demonstrando interesse expressando no rosto toda a ansiedade de começar logo a produção. Ao entregar os materiais disse às crianças que eles tinham total liberdade para colocar na capa a cor que quisessem utilizar. Disponibilizei palitos, lantejoulas, guache, lápis, canetinhas, botões e tampinhas. Barbieri (2012, p. 43) ressalta ao falar da produção da criança “as produções da criança, são como obras dos artistas possibilita trocas de percepções, ideias, informações e conhecimento.”

Figura 13 - Criação das capas.



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Ao falar do artista Bispo do Rozario para as crianças, mencionei que o mesmo colocava em suas capas o nome das pessoas que ele julgava dignas de forma lúdica falei que ele bordava em sua capa nome de pessoas que ele gostava muito. Então propus que as crianças fizessem o mesmo com suas capas, o

resultado foi gratificante, pois, elas quiseram colocar os nomes dos colegas e até de algumas pessoas da família. Esta claro que elas se doam de corpo e alma quando estão produzindo algo, sobre isso argumenta Barbieri (2012, p. 21) “entregam-se por inteiro, pois é a coisa mais importante que elas têm a fazer naquele instante.”

Figura 14 - Escrevendo nomes nas capas.



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Após a construção da capa sentei em círculo novamente com as crianças, e perguntei o que o artista Hélio Oiticica fazia quando utilizava a capa? Os alunos responderam que ele dançava, brincava, rodava. Então perguntei se eles queriam também usar as capas. Eles responderam que sim, fazendo muita euforia. Apenas um aluno me perguntou se eles teriam que ficar um do lado do outro e dançar, respondi a ele que eles iriam pro pátio fazer a performance do Hélio Oiticica, que não era nada ensaiado, que nos só iríamos fazer arte dançando, brincando. Coah (2002, p. 45) ao falar de performance afirma que “a performance resgata as idéias de uma pratica da arte pela arte”. Então deixei as crianças livres para fazer o que quiserem no pátio da escola, foi onde a experiência foi concretizada.

Figura 15 - Fazendo a performance Parangolé.



Fonte: Acervo da pesquisadora.

No pátio da escola elas correram livremente, brincaram, se envolveram, tornaram-se parte da obra. Elas nem se preocuparam em mostrar a capa ou exibi-la simplesmente viveram o momento brincando. Acrescenta Cohen (2002, p. 45) “performance é basicamente uma linguagem de experimentação, sem compromissos com a mídia, nem com a expectativa de público e nem com ideologia engajada.” O Parangolé não era assim uma coisa para ser posta no corpo, para ser exibida. A experiência da pessoa que veste, ou das que vestem simultaneamente as coisas, são experiências simultâneas, são multe experiências. “Não se trata, assim, do corpo como suporte da obra; pelo contrário, é a total ‘in(corpo)ração’.” (OITICICA, 1985, p. 48 apud FAVARETO 2000, p. 107).

Figura 16 - Crianças brincando.



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Quando a criança brinca, ela se expressa de várias maneiras, pois ela não se prende a outras coisas, quando está brincando. Ao passo que Barbieri (2012, p. 32) coloca que, “quando está brincando, elas não estão pensando em outra coisa, elas estão fazendo e pensando, com o corpo presente, de forma presente aqui e agora.” A criança usa o espaço que lhe é fornecido e se entrega por inteiro. Essa turma surpreendeu nesta experiência, pois transmitiram nesta vivência a essência da obra do Bispo do Rozario e de Hélio Oiticica, e envolveram totalmente na produção e utilização das capas.

Figura 17 - Capas.



Fonte: Acervo da pesquisadora.

As crianças gostaram tanto da experiência, que pediram para levar as capas para casa, pois ter novas vivências proporcionou a esta turma, momentos de uma aprendizagem prazerosa. Essa nova experiência, abriu uma porta para sua imaginação, que durante a infância é essencial para o desenvolvimento da criança. “a imaginação e memória alimentam - se, mutuamente, trazendo, a cada momento, um novo conjunto de relações entre o vivido e o imaginado.” (BARBIERI, 2012, p. 40). Está claro que a arte da total liberdade para a criança se expressar, conhecer e

transformar tudo em sua volta até mesmo inventar, construir e adaptar - se ao mundo que as rodeia. Cabe ao professor proporcionar esses momentos de expressão, de interação de novas experiências, é preciso instigar a curiosidade e interesse de cada criança, oportunizando seu aprendizado visando uma transformação maior de suas vivências, possibilitando experiências ricas que ampliem e alimentem seu conhecimento.

5.1 PROJETO DE CURSO: UMA REFLEXÃO SOBRE AS POSSIBILIDADES DE UMA ATIVIDADE COM PERFORMANCE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

TÍTULO: A performance na educação infantil e as suas possibilidades

PÚBLICO ALVO: Professores de arte da educação infantil

EMENTA DO CURSO:

A performance é uma linguagem da arte que possibilita o movimento do corpo, procurando trabalhar com artista e público. A Educação Infantil é muito significativo o desenvolvimento corporal, para que a criança possa ter uma percepção de si e do outro que a observa.

JUSTIFICATIVA

Ao elaborar esta pesquisa, percebi o quanto é importante à arte para a criança e como ela busca o novo durante as aulas de arte, se propondo a aprender diferentes formas de conhecimentos, e quem melhor que o professor de arte para levar esses conhecimentos até ela.

A educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética, que caracterizam um modo próprio de ordenar e dar sentido a experiência humana: o aluno desenvolve sua sensibilidade, percepção e imaginação, tanto ao realizar formas artísticas quanto na ação de apreciar e conhecer as formas produzidas por ele e pelos colegas, pela natureza e nas diferentes culturas. (BRASIL, 2000, p. 19).

Desta forma, propiciar este desenvolvimento vai além de ensinar o básico, pois, alguns professores de arte na educação infantil limitam - se em ensinar apenas sobre pintura escultura, teatro e música, não que essas áreas de conhecimento não

sejam importantes, elas também são, mas é preciso buscar outras possibilidades, outras linguagens, mostrando aos alunos as infinitas formas de fazer arte, com a finalidade de preparar o olhar desse aluno sobre o mundo em que vivemos e que esta em constante transformação.

OBJETIVO GERAL

Discutir sobre as possibilidades de um trabalho com performance na educação infantil, apresentando uma proposta de atividade, proporcionando momento de reflexão sobre os conteúdos de arte levados para os alunos da pré-escola.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- ✓ Refletir sobre a prática do professor de arte em sala de aula, e suas possibilidades;
- ✓ Conhecer diferentes formas de ensinar arte contemporânea, abordando a performance como linguagem artística e significativa nas aulas de arte;
- ✓ Despertar o interesse pela performance enquanto conteúdo, oferecendo novas ideias;
- ✓ Compreender a importância da arte contemporânea para o desenvolvimento do aluno já na educação infantil;
- ✓ Apontar as diferentes formas de fazer performance, a fim de ampliar o conhecimento dos professores sobre a mesma.

METODOLOGIA

Primeiro encontro (8): no período da manhã será feita uma formação, com um professor de artes especializado na área de performance, fazendo uma trajetória sobre a arte, trazendo o conceito de performance, esclarecendo as variadas vertentes desta arte híbrida, diferenciando e comparando alguns artistas da performance e suas ações. Na parte da tarde será proposto aos professores que formem grupos e que apresentem uma performance que já viram ou conhecem através de leituras, sendo assim poderá ser uma releitura ou uma criação, enquanto um grupo apresenta o outro assiste e aprecia para identificar o que está sendo

manifestado. Ao final das apresentações cada representante do grupo expõe o que sentiram ao realizar a performance e o que identificou no outro grupo. O tempo será de cinco minutos cada grupo para apresentar, assim será percebido se os professores compreenderam o que é performance.

Segundo encontro (8): neste encontro pela manhã será discutido o que podemos levar para sala de aula que realmente faça diferença para as crianças da pré-escola. O que é importante para o desenvolvimento da mesma, será o momento de refletir sobre as práticas e de fazer sugestões para ocorrer algumas mudanças. Na parte da tarde chegaremos ao enfoque do assunto que é a performance lançando a pergunta de como levar essa arte tão contemporânea para as crianças da educação infantil, de que forma trabalhar em sala de aula e com quais artistas. Será então passado alguns slides com a realização de uma atividade com crianças da pré-escola, com base nesse vídeo os professores irão fazer em dupla um planejamento colocando a performance como conteúdo, expondo suas ideias sobre como trabalhar com a educação infantil utilizando esse gênero artístico.

Terceiro momento (4) neste último encontro, cada dupla apresentará sua ideia para os demais, com intuito de incentivar, os professores a inserir essa forma de fazer arte em seus planejamentos na escola colocando em prática essa experiência com seus alunos percebendo como podem ser gratificantes os resultados desse trabalho.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação infantil é uma das fases mais importante na vida da criança, é nesta fase que ela começa seu desenvolvimento escolar, exatamente por isso que nos professores de artes temos em nossas mãos a responsabilidade de propiciar a esta criança momentos onde ela descubra suas habilidades e se torne um estudante criativo e interessado.

Com a presente pesquisa pude refletir sobre a performance como conteúdo na aulas de arte, e também sobre suas possibilidades quanto a prática na sala de aula com crianças de seis anos. Foi através da experiência que percebi o quanto a criança necessita de um professor pesquisador, curioso e apaixonado pelo que faz. É na sala de aula que se sente na pele o que é realmente ser professor e a seguinte pesquisa não proporcionou apenas momentos de aprendizagem as crianças mais também ao próprio pesquisador, que ao observar o resultado de sua prática confirmou sua escolha.

Ao investigar como a criança da pré-escola reage ao oferecer-lhe uma nova forma de fazer arte, esta arte que causa estranhamento em muitos adultos, observei que ela esta mais aberta em aceitar o novo do que os próprios homens, pois a criança vê tudo ao seu redor com um olhar puro distendido de maldades, confirmo tal reflexão pelo fato de ter presenciado os alunos da pré-escola realizarem uma performance onde a pureza e a imaginação estiveram presentes o tempo todo e foi propiciando esse momento a eles de vivenciar a performance Parangolé e também de conhecerem o artista Hélio Oiticica, ficou em evidencia ao pesquisador a importância de levar para sala de aula diferentes artistas e diferentes linguagens da arte.

Após essa experiência tão gratificante ousou dizer que continuarei minha pesquisa para levar a performance também para as crianças com deficiência, pois esta pesquisa me instigou a ser um professor pesquisador, e através das fundamentação teórica confirmei meu interesse pela criança e por sua forma de ver a arte e o quanto ela é importante na formação do sujeito.

Concluo então que minhas indagações sobre a performance na educação infantil estão por hora salientadas, pois esta pesquisa esclareceu através da experiência da própria pesquisa teórica, que é possível trabalhar performance na

educação infantil e foi realizando essa ação com as crianças da pré-escola que posso dizer o quanto é gratificante apreciá-la fazendo arte.

As crianças apresentaram a performance de Hélio Oiticica de uma maneira desprendida, ela entra no seu mundo de imaginação e fica nele por um tempo e é essa imaginação que permitiu que a experiência fosse realizada, o Parangolé foi apresentado com o corpo e alma dessas crianças, que transformaram suas a capas inspirados no Bispo do Rosário, mas que colocaram em sua criações sua criatividade e vivenciam uma experiência que levaram para a próxima etapa de suas vidas que é o ensino fundamental e quando chegarem lá, e algum professor falar de performance ou Parangolé certamente eles lembrarão da experiência que tiveram e também da professora que os proporcionou a atividade, e é ai que eu me realizo porque sei que de alguma forma fiz a diferença na aula de arte para essas crianças .

REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional**. Brasília: Líber livro editora, 2005.
- ARCHER, Michael. **Arte contemporânea: uma história concisa**. São Paulo: Martins fontes, 2001.
- BARBIERI, Stela. **Interações: onde esta a arte na infância**. São Paulo: Blucher, 2012.
- BRASIL, Ministério da Educação e do desporto. **Parâmetros Curriculares Nacionais: arte / Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 2000.
- BUORO, Anamélia Bueno. **Um olhar em construção: uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola**. São Paulo: Cortez, 1996.
- CANTON, Kátia. **Do moderno ao contemporâneo**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009a.
- _____. **Corpo identidade e Erotismo**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009b.
- CAUQUELIN, Anne. **Arte contemporânea: uma introdução**. São Paulo: Martins, 2005.
- COELHO, Teixeira. **Apresentação**. In: MOSTAÇO, Edécio (et al) (orgs). Sobre performatividade. Florianópolis: Letras contemporâneas, 2009.
- COHEN, Renato. **Performance como linguagem: criação de um tempo - espaço de experimentação**. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- COLI, Jorge. **O que é arte?** 19 ed. São Paulo: brasiliense, 2006.
- ENSAIOS. **Parangolé**. Disponível em: <<http://www2.uol.com.br/antoniocicero/parangole.html>>. Acesso em: 09 out. 2014.
- FAVARETTO, Celso Fernando. **A invenção de Hélio Oiticica**. 2 ed. São Paulo: Edusp, 2000.
- FERREIRA, Sueli. **O ensino das artes: construindo caminhos**. Campinas: Papirus, 2001.
- HIDALGO, Luciana. **As artes de Arthur Bispo do Rosário**. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/vivermente/artigos/as_artes_de_arthur_bispo_do_rosario.html>. Acesso em: 06 out. 2014.
- LAMAS, Nadja de Carvalho (Org). **Arte contemporânea em questão**. Joinville, SC: UNIVILLE/Instituto Schwanke, 2007.

LISBOA, James. **Escritório de arte: Hélio Oiticica**. Disponível em: <<http://www.escriitoridearte.com/artista/helio-oiticica/>>. Acesso em: 06 out. 2014.

MELIN, Regina. **Performance nas artes visuais**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

MEDEIROS, Rosângela Fachel de. O corpo como identidade provisória: corpo, tecnologia e arte. **Revista FUNDARTE**, Monte Negro, ano 9, n. 18, p. 34-40, dez 2009.

MINAYO, Maria Célia de Souza (Org). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 16 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

MOSTAÇO, Edécio *et al* (Orgs). **Sobre Performatividade**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2009.

UOL. Site oficial do artista: **Projeto Hélio Oiticica**. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/biografias/helio-oiticica.jhtm>>.

VILLAÇA, Nizia; GOÉS, Fred. **Em nome do corpo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

VÍDEOS/INTERNET ACESSADOS:

<http://www.youtube.com/watch?v=yGYHJaGXHOU> (H.O (1979))

APÊNDICE (S)

PLANO DE AULA

Tema:

Performance

Título:

Conhecendo diferentes obras de artistas da arte contemporânea, evidenciando o Parangolé de Hélio Oiticica.

Justificativa:

Ao observar os alunos percebi que estão sempre em busca de algo novo, e que gostam quando é oferecido para eles algo novo dentro da arte, sabendo que a arte não é apenas guache e papel na educação infantil e visando confrontar minha problemática de TCC que é saber se é possível trabalhar performance na educação infantil, elaborei esse plano para dar oportunidade a essas crianças de uma aprendizagem mais exploratória fora do que eles já estão acostumados visando assim transformar a aula de arte em algo a mais para essas crianças.

Objetivo geral:

Conhecer a performance de maneira lúdica ,para que a criança possa ter a oportunidade de vivenciar novas experiências, transformando seu olhar perante a arte contemporânea.

Objetivos específicos:

- Conhecer a performance como linguagem artística;
- Promover momentos de criação e imaginação;
- Expressar-se através da performance;

- Possibilitar novas experiências.

Metodologia:

1 etapa: Roda de conversa, lançarei a pergunta para as crianças se elas já ouviram falar de performance, então de forma simples contarei o que é performance, depois contarei uma história sobre um artista contemporâneo, chamado Hélio Oiticica que entre tantas obras de arte fez o Parangolé uma performance, mostrando imagens contarei sobre vida e obra do artista, evidenciando suas capas.

2ª etapa: Mostrarei o vídeo do Hélio Oiticica fazendo a performance Parangolé disponível no *youtube*, após o vídeo perguntar a opinião das crianças sobre o que assistiram, após ouvir a opinião das crianças, citar um artista também contemporâneo que se identifica por capas que é o bispo Arthur do Rosário, e de forma lúdica e resumida contar um pouco da história desse grande artista.

3ª etapa: Após falar do artista, propor às crianças a atividade de construir capas que eles poderão utilizar para fazer a performance que Hélio Oiticica inventou que é o Parangolé. Oferecerei diversos materiais para os alunos fazerem as capas e explicarei a eles que como o bispo do Rosário, escrevia e colocava em suas capas tudo que ele encontrava pelo chão eles também vão poder colocar em suas capas o que quiserem dos materiais que eu disponibilizar e escreverão também o nome das pessoas que eles gostam e que já sabem escrever.

4ª etapa: Em roda de conversa perguntar às crianças se elas gostaram de fazer as capas, após elas exporem o que sentiram em produzir as capas farei a proposta de irmos até o pátio da escola onde eu colocarei uma música para elas se expressarem usando suas capas da forma que quiserem.

Lista de Materiais: E.V.A, guache, pincel, canetinhas hidrocor, TNT, lantejoulas, palitos de picolé, papel coloridos, tenaz, tesoura, barbante, glitter.

Avaliação:

A avaliação será de forma processual mediante a observação da construção do conhecimento, da vivencia e fazer artístico como um todo, sabendo respeitar as diferenças de cada aluno. Cada produção tem seu valor por toda vivencia durante a criação da mesma.